



E-book

Como utilizar o Whatsapp em sala de aula

Educação para a cidadania no mundo digital. Dicas para educadores.

11:21

EQUIPE EDITORIAL

Organizadora

Kathia Marise Borges Sales

Autores

Aline de Queiroz Passos Molinero

André Marcelo da Costa Fróes

Fernando Silva Almeida

Hércules Santos Andrade

Isaura Brito Malaquias

Lílian Matos da Silva

Luciana Paiva Tabatinga

Janivalda Rocha de Jesus Deveza

Renata Cardoso Silva

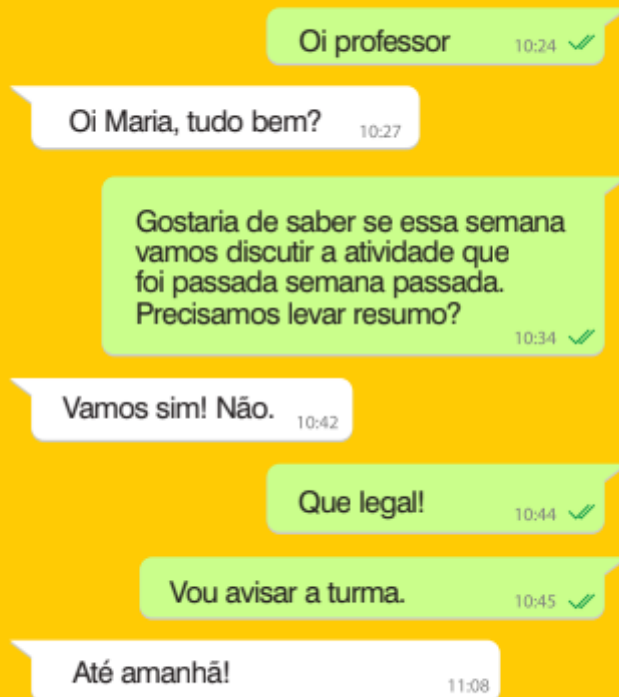
Tássia Rangel Guerreiro Dos Santos

Diagramadores

Fernando Silva Almeida

Hércules Santos Andrade

APRESENTAÇÃO



O presente e-book tem como objetivo auxiliar docentes na utilização do WhatsApp em sala de aula, constituindo-se como um importante instrumento para Educação e Cidadania no Mundo Digital.

Com isso, apresentamos aqui dicas para educadores que desejam incluir o uso dessa ferramenta em sala de aula.

Este trabalho de construção colaborativa é produto das atividades e reflexões desenvolvidas na disciplina "GTE012- Processos Tecnológicos e Redes Sociais" do Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação (GESTEC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no segundo semestre de 2018.

Esperamos que as provocações que compõem este e-book possam fomentar reflexões e experimentações àqueles que nos lerem, sobretudo levando-se em conta a disponibilidade contemporânea de novas ferramentas digitais e a necessidade de práticas pedagógicas ativas, contextualizadas e que tenham o sujeito aprendiz como protagonista.

O QUE SÃO REDES SOCIAIS?

A conceituação de redes sociais digitais é apresentada nesse e-book, sobre a abordagem de Recuero (2009), no livro “Redes Sociais na Internet”. Para essa autora, as redes são agrupamentos complexos, devido à sua constituição que é pautada nas interações sociais.

Nessa perspectiva, o WhatsApp pode ser considerado uma rede social por permitir, entre muitas de suas funções, o compartilhamento e permitir a interação entre seus usuários.

“A interação é, portanto, aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social.” (RECUERO, 2009, p.31).

As interações são dependentes dos processos de comunicação e as atuações nas redes sociais digitais dependem em muito do conhecimento que se tem a respeito de seus processos.

Os conjuntos e padrões de interação formam as relações sociais.

A relação, segundo Recuero (2009), é a unidade básica de análise em uma rede social, envolvendo uma quantidade grande de interações. A popularização do uso do WhatsApp promoveu alterações importantes nas relações sociais contemporâneas, como a possibilidade de maior aproximação entre as pessoas envolvidas na construção de uma relação.

Essa rede tem potencial também para aproximar e difundir informações em meio às rotinas de seus usuários.

ELEMENTOS E CARACTERÍSTICAS

“Redes sociais na Internet possuem elementos característicos, que servem de base para que a rede seja percebida e as informações a respeito dela sejam apreendidas.” (RECUERO, 2009, p.25). Segundo Recuero (2009), as redes sociais são um conjunto de dois elementos:

- Atores (pessoas, instituições e/ou grupos; os nós da rede); e
- Conexões (interações e/ou laços sociais).

Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (RECUERO, 2009, p. 24).

QUAIS SÃO OS TIPOS DE REDE?

Para Recuero (2009, p. 94-97), na teoria existem dois tipos de redes:

- Redes de Filiação - cujos atores pertencem a um mesmo grupo, porém sem conexão/interação direta, sendo assim estática.
- Redes Emergentes - cujos atores estão na rede de filiação, entretanto apresentam interações, estão conectados, há reciprocidade e se mantém um laço social.

Ambos os tipos possuem sutis diferenças, que indicam como acontecem as relações entre os atores, nas redes sociais da internet.



Figura 1 – Demonstração de como ocorre a interação nas redes sociais

Fonte: RECUERO, 2009. Obs.: feito com base na leitura da comissão organizadora.

Resumo. Neste capítulo “O que são Redes Sociais Digitais?”, discute-se o conceito de redes sociais sobre a perspectiva de Raquel Recuero (2009). São destaques, os elementos e características, bem como, os tipos de rede. O esclarecimento do que se encontra nas redes sociais facilita a compreensão da ferramenta WhatsApp – que possibilita uma troca interativa de mensagens.

COMO UTILIZAR O WHATSAPP EM SALA DE AULA?

Na sociedade contemporânea, as modernas tecnologias de comunicação e as redes sociais possibilitam um poderoso ambiente democrático de socialização, de onde podemos extrair e construir informações e recursos, assim como conhecer e explorar novos modos de pensar e expressar. Com base nisto, as mudanças nos âmbitos tecnológico, científico e cultural estão criando novas formas de perceber, sentir e produzir conhecimento, provocando a escola e seus atores a repensarem os modos de ensinar e aprender.

Os mediadores digitais como os dispositivos móveis e computadores, contribuem para a definição de outros modelos de participação e, portanto, de sociedade. É nesse contexto que está sendo constituída a sociedade em rede¹. Para Castells (1999), Redes constituem a nova morfologia social de nossa sociedade e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura.

No exercício da cidadania digital, partindo do princípio de cidadania que consiste na prática, por parte do indivíduo, dos direitos e deveres sociais, civis e políticos estabelecidos na constituição de um país, direito e dever se complementam, já que o exercício do primeiro, por um cidadão, implica no cumprimento do segundo, por outro.

Deste modo, a partir de tal ótica, Mike Ribble, especialista em

¹ Refere-se ao 1º volume da trilogia *A Era da informação: Economia, sociedade e cultura criado por CASTELLS em 1999. O autor aborda o desenvolvimento das TICs a partir da década de 1970 e seus efeitos para a economia, política e sociedade nos anos posteriores. Destacando a unicidade nas relações humanas e o mundo virtual como fatores para o desenvolvimento econômico, informacional e global das futuras gerações.*

educação e tecnologia mundial, define em seu livro “Digital Citizenship in Schools” (Cidadania digital nas escolas) a cidadania digital como a utilização apropriada e responsável dos recursos tecnológicos, ou seja, trata-se de um conceito que tem como fundamentos, os princípios de exercício de direitos e cumprimento de deveres, legalmente estabelecidos, os quais são aplicados às atividades desenvolvidas no interior do universo virtual (RIBBLE, 2011).

A cidadania digital é a responsabilidade de contribuir na construção do conhecimento para a definição de outros modelos de participação e, portanto, de sociedade. Nesse contexto que está sendo constituída, toda ação cidadã pressupõe uma participação ativa e deve estar comprometida com o desenvolvimento do grupo social, uma vez que esteja online.

Vale ressaltar que esta atuação em ambientes digitais precisa estar comprometida também com o desenvolvimento das comunidades virtuais para a disseminação de informações para a construção de um mundo melhor. As crianças e os jovens de hoje, já nascem e se desenvolvem inseridos nesta cultura digital. São os chamados nativos digitais².

² Conceito criado pelo norte-americano Marc Prensky em 2001, para definir a primeira geração nascidos e/ou cresceram com a tecnologia digital no século XXI. Fonte: (Wikipédia, 2019) Ler mais em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nativo_digital

Imersos em um mundo sem fronteiras, circulam em diversos ambientes, experimentam diferentes personagens, entram em contato com numerosos pontos de vista, manipulam situações ficcionais, exploram semelhanças e diferenças entre culturas. Devido à intimidade com essas distintas realidades, vêm desenvolvendo uma ideia de cidadania em uma dimensão mais global.

O PAPEL DA ESCOLA NA ERA DIGITAL

As tecnologias digitais estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas estabelecendo novas formas de executar as atividades do dia a dia: se comunicar; se relacionar e o mais inovador; acessar e transmitir informação. Informação essa que deixou de estar restrita à oralidade do professor e aos livros e passou a se difundir rapidamente por diversas mídias com a ajuda da internet, o que Andrea Ramal nomeia de Cibercultura, conceito definido por Perry Levy (RAMAL, 2018a). Dessa forma, com o engajamento nas tecnologias digitais o estudante da atualidade se transformou, passou a ter uma postura muito mais ativa e autônoma na relação com a informação, como aborda Danila Vasconcelos (2018), tornou-se mais exigente, o que pode potencializar a desmotivação em uma prática pedagógica que desconsidere esses elementos.

A escola então precisa se transformar para poder aproximar-se do universo dos alunos e para subsidiar essa transformação, a mudança no papel do professor é crucial.

Ramal defende que a relação pedagógica entre professor e aluno deve ser repensada. O professor deve deixar de ser o transmissor de conteúdo, trazer o cotidiano tecnológico para dentro da sala de aula com a utilização de dispositivos digitais como ferramenta para a construção do conhecimento a partir das diversas informações disponíveis, transformando-se em monitor, orientador no desenvolvimento do raciocínio crítico dos alunos, transformando informação em aprendizado (RAMAL, 2018b). É importante salientar que as novas tecnologias estarão subutilizadas se empregadas para reproduzir métodos convencionais, como nomeia Andrea Ramal de “Revolução Conservadora”. As novas tecnologias devem possibilitar novas interações e apropriações tornando-se parte do processo de aprendizado.

O século XXI é generoso em informações, mas muito exigente com a formação do ser humano e, segundo Ramal, “o papel da escola na era digital é: estimular o interesse do aluno de forma criativa e divertida; promover um ensino mais personalizado; impulsionar trabalhos colaborativos e estimular o desenvolvimento de competências sócio-emocionais” (RAMAL, 2018b). Entretanto, em pesquisa divulgada pela TIC educação (CETIC.BR, 2018), é preciso vencer desafios: formação dos educadores para que eles se sintam confortáveis no uso dos dispositivos digitais em sala; mais conectividade com uma internet mais veloz; e identificar as tecnologias mais adequadas à realidade dos alunos e dos educadores em cada escola. Dessa forma a escola do futuro poderá deixar de ser uma utopia, tornando-se uma realidade.

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA O USO DO WHATSAPP

A tecnologia avança a cada dia em uma velocidade admirável, e tentar acompanhá-la é quase um desafio ao cidadão que trabalha ou estuda, e ainda depende de artefatos tecnológicos para didatizar mais suas tarefas diárias.

As redes sociais já são objetos de pesquisas para estudos, tais como o *Facebook*, blogs, *YouTube* e *WhatsApp*, sendo esta última, a escolhida para abordagem neste e-book. Segundo a Wikipédia (2018, sp):

WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

O WhatsApp surge como mais um avanço na tecnologia que muito acelera as informações, para que todos de uma determinada lista de contatos recebam a mesma informação ao mesmo tempo, e com isso a produção tende a fluir com mais exatidão e uniformidade para os usuários do aplicativo.

Por ser um aplicativo recente, são ainda iniciais os estudos sistemáticos sobre o seu uso. Com isso, a busca por informações sobre sua funcionalidade e utilidade metodológica, tem se dado através de conteúdos e artigos publicados ainda recentemente. E neste e-book, essa escrita ocorreu em decorrência das discussões na disciplina e da literatura consultada.

USO DO WHATSAPP PELOS DOCENTES

Conforme a compreensão, aprendizado e discussão do grupo que realizou este trabalho, os educadores podem utilizar o aplicativo WhatsApp de várias formas em suas aulas, desde uso para avisos, informes e até mesmo postagem de vídeos que irão compor as aulas seguintes. Como fazer isso?

- Criação de grupos: através do grupo as mensagens são enviadas para todos sem especificidade;
- Atividades que gerem escritas: elaboração de textos colaborativos, ditados, para verificar a escrita dos alunos e assim possibilitar a explicação das diversas formas de escrita que existem;
- Realização de pequenos trabalhos de pesquisa: utilização de links para dar vazão a discussões sobre o tema do trabalho;
- Criar tarefas que envolvam a família dos estudantes: envolver os pais nas tarefas dos filhos para que estes se sintam motivados a realizarem boas tarefas;
- Criação de plantão de dúvidas: o professor pode criar um canal que a qualquer momento ele possa ser consultado para tirar dúvidas dos estudantes;
- Criação de bate-papo para conscientização do uso racional do WhatsApp: divulgar temas para leituras e até pequenos vídeos que expliquem os riscos do mau uso do aplicativo, com intuito de evitar o cyberbullying;
- Compartilhamento de imagens: compartilhar textos, e até mesmo as tarefas, para a classe, a fim de que os discentes faltantes possam manter seu aprendizado.

Por todo o exposto até o momento neste trabalho, acreditamos que uso do WhatsApp de uma forma pedagogicamente consciente, facilita a interação entre o grupo de docentes e discentes, devendo ser incentivado nos ambientes de aprendizagem, observando óbvio as condições concretas de acesso a dispositivos e à rede para que não venha, ao contrário, excluir alguns.

CIBERDOCÊNCIA: APROPRIAÇÃO CRÍTICA E CONSCIENTE DAS REDES

Ciberdocência (ou docência online) é a mediação docente através do uso de tecnologias digitais de informação e comunicação em rede, de forma multifuncional, objetivando uma aprendizagem colaborativa, online e de interação¹. O exercício da docência nesse contexto exige a necessária formação/apropriação dos docentes dos recursos digitais disponíveis, seu potencial formativo e as possibilidades pedagógicas para o ensino-aprendizagem (SACRAMENTO; SONNEVILLE, 2008).

Neste processo de transformação tecnológica na educação, é cada vez maior a comunicação online e compartilhada através das TDIC'S (tecnologias digitais da informação e comunicação), conforme perspectiva de Marco Silva (2010). E com isso, os docentes passam a ter a oportunidade de analisar saberes e capacidades dos alunos que muitas vezes não são demonstradas em sala de aula presenciais, como a expressão de opiniões e posições, desenvolvimento de pesquisas, interatividade², responsabilidade, administração do fluxo de informações e aprendizados, dentre outros (SILVA, 2010).

Através da inserção das mídias digitais e sua influência no contexto educativo – mesmo sendo de forma gradual e ao mesmo tempo, intensa – pode-se constatar, o potencial de contribuição destas para o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos e promoção da cidadania.

A docência online exige um aprendizado prévio do professor, e por isso alguns pontos são necessários para a formação de educadores nesta modalidade. Inicialmente, o docente precisará tomar consciência de que transitamos da mídia clássica para a mídia online. Em seguida, será necessário adquirir conhecimentos sobre o hipertexto, que é próprio da tecnologia digital. O terceiro ponto aduz que o professor precisa se dar conta da interatividade enquanto mudança fundamental do esquema clássico da comunicação. Por fim e extremamente relevante, a compreensão do professor acerca da potencialidade da comunicação utilizando as interfaces da internet. (SILVA, 2010).

Numa variedade de novas expressões, novos recursos e avanços tecnológicos, a docência online e as redes digitais estão em sintonia crescente (JUNIOR, 2013), implicando na consciência por parte do docente de que este não é apenas um transmissor de informações, mas sim um participante e colaborador da difusão e construção do conhecimento através da educação.

¹ Interação: Ação recíproca de dois ou mais corpos uns em relação aos outros. Ação e relação entre os membros de um grupo social ou entre grupos de uma coletividade. (Dicionário Ruth Rocha)

² Para Silva (2000), a interatividade está na disposição ou predisposição para mais interação, para uma hiper-interação, para a bidirecionalidade fusão emissão-recepção para participação e intervenção.

CYBERBULLING

São presentes na relação humana, comportamentos indesejados e antiéticos que nos permeiam desde o passado. Tais comportamentos adquiriram nova feição nos tempos atuais por terem sido potencializados pelas mídias digitais sociais. Dentre estes comportamentos potencialmente destrutivos, está o cyberbullying, uma vertente do bullying*, que ocorre através de interações via internet. E como ocorre mediado pelas tecnologias digitais, intensifica-se em permanência e duração, conseqüentemente com grande potencial maleficência e impiedade.

O bullying é definido como um abuso de poder, onde existem comportamentos caracterizados por ações negativas repetidas, com o propósito de causar dano, cuja vítima tem dificuldade em se defender, devido ao desequilíbrio de poder. (Bauman, 2009).

Para Amado et al (2008) Cyberbullying estabelece uma nova leitura do bullying, sendo as agressões e intimidações premeditadas com frequência, realizadas com recurso de dispositivos tecnológicos de comunicação tais como o e-mail, o chat, mensagens instantâneas, smartphone, etc. Podendo acontecer em qualquer tempo, lugar e nos mais diversos meios, simultâneo e continuamente e muitas vezes não ocorrendo intervalo suficiente para a reestruturação da vítima. (Gabriel, 2013).

Segundo Gabriel (2013), o cyberbullying pode assumir várias formas, estando entre elas:

- Envio de mensagens cruéis ou de ameaça;
- Disseminação de rumores cruéis;

- Disseminação de conteúdo (foto ou vídeos vexatórios);
- Invasão de conta on-line;
- Simulação da identidade de outra pessoa on-line;

Na internet há uma falsa impressão de anonimato, reduzindo, assim, a inibição de alguns indivíduos, reforçando dessa maneira, o poder que o praticante do cyberbullying possui, e em contrapartida, amplia o sentimento de fraqueza da vítima, que se sente desprotegida a qualquer hora e em qualquer lugar, podendo ainda através da difusão da agressão, atingir proporções em escala mundial, sem que o agressor tenha que enfrentar diretamente o impacto do seu comportamento, segundo informações retiradas da Cartilha Bullying do Ministério Público do Estado de São Paulo (2013).

O cyberbullying é comum entre os adolescentes e está se tornando um problema grave nas escolas, em toda a sociedade e no mundo. Além disso, este tipo de bullying é mais perigoso e malicioso para a saúde e bem-estar dos jovens, e conseqüentemente, mais difícil para as escolas aprenderem a lidar com este assunto. (CAPPADOCIA; CRAIG; PEPLER, 2013).

Inegáveis são os benefícios educacionais do uso de tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) em contextos formais e não formais, entretanto, assim como há benefícios, há também alguns malefícios. O combate ao cyberbullying em todos os contextos sociais precisa ser incisivo.

Com a internet e as tecnologias digitais cada vez mais presentes na vida do ser humano, o cyberbullying tende a crescer ainda mais, e por isso se faz extremamente necessário conscientizar os praticantes do poder destrutivo, do caminho correto a seguir, principalmente dentro das escolas, onde a frequência desta prática é maior.

CIBERBULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR

Com a grande evolução da tecnologia e utilização de mídias digitais sociais, principalmente através de aparelhos digitais móveis, o bullying passou a ser efetivo de forma virtual (ambientes virtuais e redes sociais), mais conhecido como Cyberbullying (OLIVEIRA; GOMES, 2011), tornando as humilhações, ofensas e exposições das vítimas perante a sociedade, mais rápidas, intensas e muitas vezes, completamente destrutivas, levando até ao suicídio (AZEVEDO; MIRANDA; SOUZA, 2012).

Ainda como bem explicitado pelos autores Azevedo, Miranda e Souza (2012), por muito tempo, o bullying foi um assunto restrito e ignorado – muitas vezes confundido com “brincadeiras de crianças e adolescentes” – tanto pelas próprias vítimas, pelos pais, pela escola, pelos amigos, e também, pela sociedade, fazendo com que os danos fossem maiores.

No contexto escolar, o cyberbullying tomou proporções incontroláveis e passou a ser um problema de cunho social e não apenas pessoal e individual.

De acordo com Oliveira e Gomes (2012), tornou-se necessário discutir o assunto nas escolas entre os alunos e educadores, objetivando soluções interventivas e principalmente preventivas. Os profissionais da educação, em especial os educadores, deverão atentar-se às mudanças de comportamentos dos alunos, desempenho, concentração e tantos outros sinais, para atuar no problema já

existente, fazendo com que os próprios praticantes do cyberbullying percebam que as ações discriminatórias e ofensivas não são aprovadas e nem vistas com aceitação pelas pessoas, além de terem punições. Já as ações preventivas deverão ocorrer com a disseminação do assunto e o debate, conscientizando crianças e adolescentes sobre as consequências possíveis tanto para o agressor quanto para o agredido.

Diante do crescimento desmedido das ações de bullying e cyberbullying, principalmente nas escolas, foi instituído um programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying), através da Lei no 13.185, de 6 de novembro de 2015, mais conhecida como Lei Anti-Bullying, com intuito de combater este tipo de violência física, psicológica, moral, sexual, social, material e virtual. (planalto.gov.br).

CONSIDERAÇÕES

Esperamos que a leitura das informações e reflexões que compõem este material possa ter provocado seu desejo de conhecer mais sobre o assunto e, principalmente para os docentes, de inserir o uso do WhatsApp ou outra mídia social em sua prática pedagógica.

Este trabalho resulta da construção de discentes em processo de formação em Mestrado na área de educação, sem a pretensão de esgotar o assunto, mas sim de provocar a curiosidade e o desejo por conhecer/refletir sobre o tema. Com este objetivo sugerimos a leitura das referências utilizadas na construção deste e-book e nos colocamos à disposição para interlocuções e parcerias com outros grupos com igual objetivo (contato: kmarise@uneb.br)

REFERÊNCIAS

Amado J.; Matos A.; Pessoa T.; Jäger T. **Cyberbullying: Um desafio à investigação à formação.** Revista interações, n.13, p 301-326, 2009.

AZEVEDO, Jefferson Cabral; MIRANDA, Fabiana Aguiar de; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. **Reflexões acerca das estruturas psíquicas e a prática do Cyberbullying no contexto da escola.** São Paulo: INTERCOM, 2012.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BRASIL. Ministério Público de São Paulo. **Cartilha Bullying.** São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Cartilhas/bullying.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2019.

Cappadocia, M.; Craig, W.; Pepler, D. **Cyberbullying: prevalence, stability, and risk factors during adolescence.** Canadian Journal of School Psychology, v. 28, 2013. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0829573513491212>>. Acesso em: 29 out 2018.

Gabriel, M. **Educar a (R)evolução digital na educação.** São Paulo: Editora saraiva, 2013.

GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para as novas mídias.** São Paulo: SENAC, 2003.

JÚNIOR, Jaime Miranda. **Redes Sociais e a Educação.** Santa Catarina: IFSC, 2013.

OLIVEIRA, Josi Rosa de; GOMES, Magda Altafini. **Bullying: reflexões sobre a violência no contexto escolar.** Porto Alegre: PUCRS, 2011.

PEREIRA, S. M. de S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar.** São Paulo, ed. Paulus, 2009.

SACRAMENTO, Maria da Conceição Alves Ferreira Do; SONNEVILLE, Jacques Jules. **Docência Online: tecendo possibilidades para a prática educativa e para pesquisa.** Salvador: Periódicos da UESB, 2008.

SILVA, Marco; CILENTO, Sheilane. **Formação de Professores Para Docência Online: Considerações Sobre Um Estudo de caso.** Salvador: Revista da FAEEBA- Educação e Contemporaneidade, 2014.

SILVA, M. **Sala de aula interativa.** Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SILVA, Marco. **Educar na Cibercultura: Desafios à Formação de professores Para Docência em Cursos Online.** São Paulo: PUC, 2010.

BRASIL. **Lei Federal Nº 13.185, de 06 de novembro de 2015.** institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em: outubro 2018.